



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

CAMINHANDO SOBRE AS ÁGUAS INVISÍVEIS COM(O) TIGRES:

Narrativa errante sobre o Rio da Bulha e a negritude em Florianópolis -SC.

*RAFAEL ALVES DE CAMPOS, MSC^{*1}*

*RODRIGO GONÇALVES SANTOS, DR.^{*2}*

Resumo: Este artigo resulta de uma intervenção urbana realizada em Florianópolis -SC, em 14/12/2020. Trata de uma errância na qual me propus a caminhar sobre as águas do Rio da Bulha desde sua foz até a nascente e nesse processo, corporificar os Tigres, ancestrais que construíram junto ao leito do rio um território de negritude em Desterro. Os Tigres eram escravizados responsáveis pelo transporte das águas servidas pela cidade, levavam sobre suas cabeças as bulhas carregadas de excrementos para depositar no rio, que com o contínuo despejo de esgoto passou a ser conhecido pelo mesmo nome do recipiente. As margens do rio foram ocupadas por cortiços e pela população empobrecida, mas obras sanitárias do início do século XX expulsaram essa população dali que passou a ocupar os morros do entorno. Com o passar dos anos o rio foi tamponado, invisibilizado da paisagem assim com a presença da população negra no território. Junto à nascente do mesmo rio, foi construído o primeiro reservatório de água da cidade, que influenciou também na construção identitária do local que ficou conhecido como Morro da Caixa, um bairro negro de Florianópolis. A comunidade através da organização popular transformou o reservatório, que era uma marca do poder hegemônico, na primeira praça do bairro, inaugurada em 2019, demonstrando uma força ancestral de resistência e afeto pelo espaço agora público. Empréstimo o meu corpo e minhas marcas de negritude para homenagear e ir de encontro aos tigres contemporâneos ao atravessar este rio, que também me atravessa, apresenta-se a narrativa errante sobre o caminho dos Tigres em formato de artigo e vídeo (link: <https://youtu.be/3XTPGfEwHzs>)

Palavras-chave: Corpografia, Urbgrafia, Tigres, Negritude, Rio da Bulha, Intervenção Urbana.

INTRODUÇÃO

Compartilho da concepção de Grada Kilomba (2019) sobre a necessidade de se produzir um conhecimento emancipatório alternativo, que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, já que todos falam de um tempo e lugar específico, não há discursos neutros. A luta para se tornar antirracista é um percurso de responsabilização de criar formas de poder e de conhecimento, que demanda uma epistemologia que inclua a percepção da pessoa. Escrevo sobre a realidade que percebo e através de um discurso

¹ Rafael Alves de Campos doutorando no PósARQ-UFSC; mestre em arquitetura pelo PósARQ e graduado em Arquitetura pela UEM. Foi professor universitário e atualmente é pesquisador dedicação exclusiva do grupo Quiasma de estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade, com foco nos atravessamentos entre questões etnicorraciais e a produção do espaço público. E-mail: arqrafaelcampos@gmail.com

² Rodrigo Gonçalves dos Santos, arquiteto e urbanista, doutor em educação e mestre em engenharia de produção pela UFSC. Professor do PósARQ-UFSC, coordenador do grupo Quiasma de pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade. Com foco nas experiências estéticas e suas articulações entre a apreensão da arquitetura e da cidade contemporânea com o campo sensível e a poética do espaço. E-mail: rodgonca@gmail.com



lírico e teórico pretendo transgredir a linguagem do academicismo clássico, valorizando uma perspectiva da periferia, a experiência, a errância e os afetos.

Rodrigo Gonçalves (2014) acredita que a cidade pode ser construída como experiência coletiva, reunindo o passado comum e o presente individual, essa experiência urbana se dá através da insurreição de corpos, onde o corpo extrapola atribuições programática de um lugar e traz à tona uma experiência da arquitetura urbana, que possibilita a apropriação e a educação dos corpos, mostrando-nos a compreensão dos vários tempos passados num lugar que atravessam a dinâmica da cidade, evidenciando as tensões por controle do espaço e das instituições ainda latentes na urbe.

As cidades são concebidas dentro da ideologia dominante e o racismo estrutural, que fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das desigualdades, promove a segregação espacial como um fenômeno fundamental para a manutenção do poder e do capital pela branquitude (ALMEIDA, 2019). No entanto, as lutas entre opressores e oprimidos contribuem mutuamente para a beleza da obra (LEFEBVRE, 2001) e as espacialidades da branquitude e da negritude se expressam nos espaços. Em Florianópolis isso é evidente nas transformações que ocorreram no entorno do Rio da Bulha.

A construção da Av. Hercílio Luz - sobre o rio - e do primeiro reservatório de água (R-0) - junto à sua nascente - suscitam memórias higienistas promovidas pela branquitude no início do Séc. XX. Recentemente o reservatório foi transformado em praça pública através de táticas de mobilização da comunidade do Morro da Caixa. A produção destes dois lugares refletem as dinâmicas de poder e demonstram por um lado como a retificação e alienação de um rio na paisagem tem relação com a segregação urbana e invisibilização da população negra. Por outro lado, a construção da praça pública reflete táticas de resistência e conquista do direito à cidade, um processo de formação de cidadania que envolve lutas étnicas, tendo no território a valorização da negritude, assunto que abordei objetivamente em outros artigos (CAMPOS, 2020; CAMPOS, 2019). Apresento aqui uma abordagem subjetiva sobre esse território que chamo de caminho dos tigres, onde me lancei como um errante criando uma intervenção urbana. Para Paola



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

(2012) os errantes urbanos são pessoas que percebem a cidade e estão focados na experiência e na transmissão das narrativas destas vivências e a partir deste olhar de dentro, inventam sua própria cartografia. A experiência errática constrói uma possibilidade de crítica e resistência contra a ideia de empobrecimento das relações humanas e processo de invisibilização de corpos e histórias. Pode ser uma ferramenta de apreensão, mas também de ação de microrresistência, que permitiu-me afastar daquilo que era familiar, buscando o estranhamento pelo outro (JACQUES, 2012). Ao estranhar o familiar me questionei como o caminho dos tigres atravessava a minha história pessoal? O que o meu corpo indagava ao mundo ao atravessar o rio? Como a minha negritude poderia corporificar esses antepassados tigres? Existiriam tigres na contemporaneidade?

Para sanar estas questões utilizei como principal instrumento o meu próprio corpo, por meio do qual eu percebo e influencio o mundo, o tensiono, meus sentimentos e experiências são captados por este corpo que também tem a sua dimensão e marcas que me fazem perceber o racismo desde a mais tenra idade. A cidade e os corpos levam as marcas entre si das experiências urbanas, que ficam inscritas sob as diversas escalas de temporalidade do espaço e do próprio corpo que a experimenta e, desse modo, também o configura. Apresento aqui uma urbgrafia, que é a cartografia de ações artísticas na cidade, desenvolvimentos de dispositivos de ação no espaço urbano, assumindo o espaço urbano como espaço de dissenso e o corpo como território e potência criadora, que através da sua presença, por si só, já questiona e transforma o espaço da rua em espaço de encontro e criação (NASCIMENTO; SANTOS, 2021).

Este ensaio no e do caminho dos tigres, teve como cenário a rua, os espaços públicos e vazios urbanos. No ato /de errar me permiti cartografar os atores sociais e suas práticas articuladas com a paisagem, influenciei no espaço através de uma intervenção artística na qual busquei transmitir uma mensagem de afetividade com o rio, com a ancestralidade negra, com os corpos negros de sexualidade dissonante, além disso, celebrei a minha história pessoal de afeto que também é atravessada por este rio. Apresento a seguir uma revisão teórica sucinta sobre os tigres e transformações do rio da bulha, seguido da narrativa errante e reflexões gerais.

OS TIGRES, SEU CAMINHO E A PRODUÇÃO DA CIDADE.

Durante o período de escravismo criminoso o transporte de águas servidas era realizado por escravizados que equilibravam sobre suas cabeças os recipientes conhecidos como bulhas, eles eram chamados de tigres devido as listras causadas em seus corpos pelo líquido ácido (Figura 2). (SANTOS, 2009). Em Desterro³ um dos principais córregos utilizados para conhecido como Rio da Bulha.

Figura 1: Representação dos escravizados Tigres o despejo do esgoto era a Fonte Grande, de Debret 1820-30.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50526902>

Os caminhos das cidades (LYNCH, 1980) são canais por onde os indivíduos se deslocam e vivenciam a urbe, e a concentração de um costume num caminho podem criar uma identidade específica na mente do observador, ou seja, em termos urbanísticos entendo o rio da bulha como o caminho dos tigres. Durante a colonização a região foi ocupada pela população empobrecida e negra, mas o contínuo depósito de esgoto transformou o Rio da Bulha em uma fonte de proliferação de doenças e epidemias, que justificaram a realização de obras higienistas no início do Séc. XX, que promoveram a retificação do rio, construção na margem da avenida do Saneamento (atualmente chamada Av. Hercílio luz) e o primeiro reservatório de água na cidade (R-0) no Morro da Caixa.

³ Desterro era o nome da cidade de Florianópolis no período colonial.

Como afirma Maria Inês Sugai (2015) o saneamento do rio e abertura da Avenida Hercílio Luz não pretendia solucionar problemas sociais ali existentes, os moradores foram expulsos, cortiços e casebres demolidos, criaram-se normas de controle e manutenção do modelo adotado impelindo as camadas populares a ocuparem as encostas do Morro da Cruz. Dessa maneira foi aberta uma nova frente para o capital imobiliário que contribuiu para o processo de segregação urbana. A ideologia sanitista através de um discurso de modernização urbana e criminalização da pobreza, foi utilizada como argumento para a expulsão da negritude, em paralelo, criou-se uma narrativa em Florianópolis pautado na valorização da colonização açoriana e apagamento da presença de outras etnias na construção da cidade (MAIA, 2019).

No entanto, a negritude buscou se aquilombar e reconstruiu o seu território junto ao Maciço do Morro da Cruz. As proximidades do reservatório R-0 ficaram conhecida como comunidade do Morro da caixa e ali se constituiu um bairro negro. Através de táticas de mobilização, pressão junto aos órgãos públicos e parcerias público privadas a comunidade qualificou seu território ao longo dos séculos, até que em 2019 conseguiram executar o projeto de transformação do R-0 na primeira praça pública do bairro. Demonstrando uma força ancestral de resistência e valorização da identidade negra através do território.

Após entender o processo de formação do caminho dos tigres realizei a disciplina de In(ter)venções Urbanas na Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, 3º trimestre de 2020, ministrada pelo Dr. Rodrigo Gonçalves Santos, a qual me inquietou sobre como a minha existência era atravessada por esse território negro ancestral? O que meu corpo poderia indagar no mundo ao atravessar esse caminho? Como seria se os tigres pudessem voltar a ele? Existiriam tigres contemporâneos sobre o seu caminho? Para saná-las realizei uma intervenção artística na qual corporifiquei os tigres e me lancei numa errância sobre o Rio da Bulha, buscando encontrar a água invisibilizada, as afroescrituras, os tigres contemporâneos e a mim mesmo.

NARRATIVA ERRANTE SOBRE O CAMINHO DOS TIGRES.

A intervenção urbana ocorreu no dia 14/12/2020 na cidade de Florianópolis das 16h40 às 19h00, foi realizada por mim Rafael Campos e fotografada por William Thomsen, meu marido. A nossa história se cruza com o rio pois nos conhecemos em um samba nessa região, ali também sentimos juntos a violência policial resultante de ações higienistas contemporâneas, estávamos juntos quando tive uma das experiências mais fascinantes que foi desfilar como destaque de uma escola de samba no carnaval. Portanto, decidimos que também celebraríamos o nosso afeto junto ao rio.

Busquei corporificar os tigres através do meu figurino., substitui a bulha por um turbante, indumentária muito utilizada nas religiões de matrizes africanas como proteção do Ori. Extrapolei o turbante transformando-o em uma máscara que cobria toda a minha face assim como a máscara dos Tigres, e já me serviria de proteção para a pandemia do Corona Vírus. Inspirado na experiência nº3 de 1956 de Flávio de Carvalho na qual ele saiu nas ruas de São Paulo de saia, utilizei uma saia curta com padrões africanos representando também as múltiplas possibilidades de sexualidades destes ancestrais. Mantive o dorso nú e carreguei uma placa com uma mensagem de afeto buscando a resignificação do corpo negro através do amor. Inspiro-me também na estética dos homens sanduíche, os flaneurs contemporâneos que ao corporificarem mensagens publicitárias são extirpados de suas individualidades tornando-se produtos, tal qual os tigres. A placa também fala de nós pois é um presente de casamento de uma amiga artista, em letras miúdas no rodapé se lê “Will e Rafa, 9/3/19, @carlabotto” (Figura 2).

Iniciamos a caminhada na Avenida Hercílio Luz esquina com a Rua José da Costa Moellman, o objetivo foi caminhar sobre o rio desde a foz (passarela Nego Querido) até a nascente (Praça do Monte Serrat) como se vê na Figura 3. Ao chegar a primeira reação foi de uma garota que vendia balas no semáforo e que elogiou a minha postura, continuei caminhando sobre o canteiro mostrando a mensagem para os carros, algumas pessoas faziam sinal de positivo ou acenos, um homem que passava de carro gritou “amor!” em tom de deboche que me fez lembrar ofensas homofóbicas, em contrapartida dentro de outro carro em seguida uma garota fez sinais de coração com as mãos e ao passar gritou

“já estou te amando!”. A bruteza e delicadeza das pessoas da cidade já se mostrou evidente desde o princípio, seja pelo ataque do homem ou acolhida das mulheres.



Figura 2: Ponto inicial na Avenida Hercílio luz
Fonte: Autor



Figura 3: Mapa do trajeto com o percurso da errância
Fonte: Autor

Numa próxima esquina havia dois homens negros aparentemente em situação de rua, um pedindo dinheiro no semáforo e o outro acompanhado de seu cão esperava para cruzar a pista (Figura 4). Ao me ver este último disse: “Que mensagem bonita que você trouxe! Me arrepiou olha!” e apontou para o seu braço “nessa época de Natal precisamos falar coisas bonitas mesmo, falar de amor, o mundo tá doente, parabéns viu” deu grande sorriso e continuou seu caminho, o outro homem negro também sorriu e fez um aceno de aprovação com a cabeça. Percebi pela fala do homem com seu cachorro que ele me viu como um deles e que que o meu corpo negro segurando uma placa se mesclava aos tantos outros que ocupam as margens das vias. Aquela região é bastante ocupada por estas pessoas pois na passarela Nego Quirido, também chamada Passarela da Cidadania, funciona o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) que disponibiliza 80 vagas para pernoite, atendimento psicológico, banho, cortes de cabelo e refeições para o público.

Chegamos à passarela Nego Quirido, que oficialmente leva o nome de Juventino João dos Santos Machado um sambista da cidade e fundador da escola de samba Copa Lord



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

da comunidade do Morro da Caixa. Mais uma conexão interessante entre o samba, a comunidade e o rio. Encontramos uma abertura no tamponamento que nos permitiu ver a água pela primeira vez! Ela era escura, turva e com forte cheiro fétido (Figura 5), um pouco mais a frente estava sua foz (Figura 6), encontramos um mural pintado pelos artistas grafiteiros Tiago Valdi e Rodrigo Rizzo que celebram o samba e a beleza da mulher negra (Figura 7). Esse local nos causou um misto de sentimentos, por um lado a satisfação de ver a tradição da negritude evidenciada e celebrada, por outro, a tristeza de ver o rio dos tigres violentado, silenciado e escondido.



Figura 4: O homem que se emocionou com nossa mensagem e ao fundo a passarela Nego
Fonte: Autor



Figura 5: O Rio poluído sobre o Querido.
tamponamento
Fonte: Autor.

Figura 6: A direita a foz do Rio e a esquerda Quirido.
Fonte: Autor.



Figura 7: Mural da passarela Nego
A Horta em meio ao mato.
Fonte: Autor.



Saímos da passarela e continuamos o nosso caminho, naquela região de negritude as pessoas brancas que cruzaram conosco não abriam sorrisos, nem demonstravam interesse pela mensagem, olhavam desconfiadas (Figura 8), para eles eu era invisível, ou pior, um risco! Grada Kilomba (2019) nos fala da fantasia branca de contágio racial que faz com que elas mantenham- se distantes de áreas negras devido a ansiedade e

medo de contágio somático com a pele negra, considerada pelo imaginário branco como “inferior”, “sujo”, “mal”.

Ao voltar para Av. Hercílio, cruzamos com outro homem no semáforo que também carregava o seu cartaz (Figura 9), ao me ver disse afetuosamente: “Pode ficar nesse aí que eu vou nesse aqui”, e foi para o outro lado da esquina. Ao ser informado do que se tratava ele nos parabenizou e disse que deveríamos levar “a palavra de deus”, que era importante o amor ao próximo e que as pessoas precisavam se ajudar mais.

Figura 8: Olhares
Fonte: Autor.



Figura 9: Afeto e identificação entre desconfiados sobre a passarela. homens que carregam placas.
Fonte: Autor.



Seguimos em direção a travessa Ratclif local muito conhecido pelo samba de rua atual e ancestral, segundo narrativa de Rodrigo Stüpp, a região sempre fora conhecida como beco negro, beco da cortiça, beco sujo, o local onde a ordem não imperava (narrativa de Rodrigo Stüpp, durante a Tour Negros em Desterro realizada em 23/11/2019). Segundo Henrique Cunha Junior (2020) a sociabilidade da população negra é dançada, musicada, e no período pós-abolição do escravismo criminoso as culturas negras permaneceram existentes com marcas mínimas registradas na edificação urbana, atualmente são os corpos afro diaspóricos (Figura 10) que atualizam o lugar como um território negro.

Na mesma travessa está o Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos, uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que atende as populações vulneráveis como: LGBTQI+, profissionais do sexo, população de rua, saúde mental etc.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Parei na esquina do Instituto para mostrar a mensagem e uma mulher negra indagou: “O que está escrito aí?”, ao descobrir o significado ela sorriu e pediu para bater uma foto, cruzamos os braços e por um minuto resistimos juntos com nossos punhos cerrados no ar (Figura 11).

Figura 10: Canto do Noel, um bar tradicional.
resistência em frente ao instituto Arco Íris
Fonte: Autor.



Figura 11: Identificação mútua e de samba e de
celebração a cultura negra
Fonte: Autor.



Este momento me tocou profundamente pois fui surpreendido ao encontrar uma pessoa que não sabia ler, além disso, não imaginava que minha mensagem de afeto pudesse tocá-la de tal modo que a fizesse instantaneamente se levantar, ultrapassar a barreira do espaço pessoal e fazer questão de ter um registro nosso. Houve ali uma sinergia entre dois corpos negros dissidentes, nos identificamos através da nossa luta e tivemos um fugaz e intenso momento de resistência e afeto, mesmo não sabendo decifrar o código escrito, ela foi afetada pelo sentimento por detrás dele.

A mulher iletrada é um reflexo da realidade comprovada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2019 que afirma que negros e pardos do Brasil apresentam analfabetismo quase três vezes maior do que brancos. Pessoas analfabetas de 15 anos ou mais brancas somaram 3,6%, enquanto esse percentual cresce para 8,9% entre pretos ou pardos. As principais razões para a evasão escolar apontadas foram a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destaca-se ainda gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%) (4).

⁴ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019. Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Gráfica Digital, 2020. Disponível em 18/05/2021 no link:

Em seguida fomos para a esquina da rua Victor Meireles com a Avenida Hercílio Luz (Figura 11) onde no passado experienciamos a violência policial atrelada a um processo de gentrificação em curso. Era sábado à noite, agosto de 2019, quando nós e uma multidão de jovens fomos expulsos dali pela polícia militar com bombas de efeito moral e gás de pimenta.

A região centro leste da cidade passou por diversas ações de revitalização com foco numa reativação de uso principalmente no período noturno. O que atraiu turistas e público em geral, a rua era ocupada pelos consumidores dos bares elitizados, vendedores ambulantes e pessoas que traziam suas próprias bebidas e amplificadores de som portáteis. O Funk carioca era o principal ritmo escutado, mas também Hip-Hop e Samba, o canteiro era palco para a negritude e suas manifestações identitárias.

Mas as constantes ocupações incomodaram os moradores que acionaram o poder público no intuito de inibir os eventos noturnos. Reuniram-se Associação de Moradores, Associação e comerciantes, Polícia Civil, Militar, Bope, Guarda Municipal, Prefeitura, Câmara de Dirigentes Logistas (CDL) de Florianópolis (CDL, 2019), que definiram um “toque de recolher” às 00h00 com o encerramento das atividades comerciais, proibição dos vendedores ambulantes e o som nas ruas, além disso, a polícia passou expulsar as pessoas após o horário. Segundo declarações oficiais da promotoria de justiça a ação visava evitar o fechamento dos estabelecimentos comerciais devido à ausência de “pessoas de bem”. Um representante da CDL afirmou que “o público que ocupa esse espaço após o fechamento dos bares prejudica não só a rotina e o movimento dos estabelecimentos da região, como também o sossego dos moradores” e Segundo a PM a ação visava “garantir o sossego na região do Centro Histórico e que não vai permitir que bailes funk sejam realizados no meio da rua” (ND MAIS, 2019).

Fica evidente nas falas das entidades dominadas pela branquitude a dicotomia do discurso definindo os limites entre as pessoas de bem (moradores, comerciantes, consumidores), e os outros, perigosos que permaneciam nas ruas escutando funk após o encerramento do comércio. Ou seja, as pessoas que deixavam de ser consumidores



se tornavam automaticamente incômodos, um risco para o comércio dignos de expulsão! Vale ainda destacar o marcador étnico quando tratam da criminalização do Funk como tática de estigmatização da população negra. Facina (FACINA, 2009) afirma que o “funk é central em processos de construção identitária relacionados à etnicidade e aos lugares de moradia, contribuindo para valorizar pertencimentos que geralmente são fonte de estigmatização.” Segundo essa manifestação cultural tem se tornado alvo de perseguição policial e de preconceitos relacionados aos tempos de criminalização da pobreza em que vivemos.

Após as ações policiais de agosto de 2019 foi visível o embranquecimento da população que ocupava a avenida a noite, ocorreu a expulsão dos vendedores ambulantes e criminalização da música sobre o espaço público. Apoiado em Cunha Junior (2020) e Paola Jacques (2012) podemos dizer que as ações de revitalização do centro leste são processos de produção do espaço público como espetáculo de integração diretamente ligada à dinâmica do capital. O espaço público da cidade do marketing ignora a população existente, criminaliza as marcas de negritude da paisagem e amplia as desigualdades sociais. Ao longo dos séculos as populações e culturas negras fora rejeitada nas expressões da construção da urbe, de modo que os espaços públicos brasileiros não refletem os sentidos de vida da negritude, tornando essas populações estranhas aos ambientes que vivemos. Fica evidente neste caso como o racismo estrutural se materializa na construção da cidade quando as instituições dominadas pela branquitude se organizarem para extirpar a sociabilidade e manifestações culturais negras do território.

Paramos de frequentar o local no início da pandemia em março de 2020 e voltamos apenas durante esta intervenção artística (Figura 12), apesar ser final de tarde de uma segunda-feira, notamos que algumas pessoas continuam ali consumindo nos bares e utilizando os bancos e mesas sobre o canteiro, cruzamos com um casal de negros que se beijava e que ao nos ver sorriu e acenou, eles resistiam a pandemia, ao embrutecimento da rua e se amavam sobre a água (Figura 13).



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
 Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
 e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 12: O local onde fomos expulsos por bombas de efeito moral em agosto de 2019
 Fonte: Autor



Figura 13: Casal de amantes que se identificaram com a mensagem de afeto.
 Fonte: Autor



Logo adiante em frente ao Museu da Escola Catarinense encontramos uma obra de Bruno Bardi (Figura 17) artista plástico de Florianópolis, que celebra a população negra através de suas pinturas em espaços públicos. Ao caminhar mais algumas pessoas interagiram conosco, uma idosa acompanhada por uma criança pediu para fazer uma foto (Figura 15), um outro homem de saia sorriu e me cumprimentou (Figura 16), recebemos muitos sorrisos, acenos e carinho ao longo do caminho.

Figura 14: Pintura de Bruno Barde em frente ao Museu
 Fonte: Autor.



Figura 15: Mulher e criança que pediram uma foto juntos.
 Fonte: Autor.



Chegamos ao final da Avenida Hercílio Luz, cruzamos sobre avenida Mauro Ramos, o limite entre a cidade plana e o morro, seguimos pela rua Monsenhor Topp até o final onde está uma escadaria bastante íngreme, ali conhecemos um senhor negro de dreads que usava uma camisa do Bob Marley, ele subia vagarosamente, parando as vezes para

descansar, passamos a acompanhar seu ritmo lento e ele nos contou orgulhosamente que era morador e que subia diariamente aqueles degraus a 62 anos! Consultei meu interlocutor se conseguiria chegar na praça por ali e fui informado que sim, mas que lá em cima eu teria “que ficar esperto e não marcar bobeira com os meninos, tem que ficar ligado!”, deixando nas entrelinhas o alerta sobre a existência do ponto de varejo de drogas e do risco de cruzar com os traficantes.

Me lembrei do que diz Paola Jacques(2012) sobre as favelas de morro serem como labirintos piramidais onde os Minotauro-trafficantes se escondem no alto, e que entrar e subir é tarefa árdua que exige ao estrangeiro estar acompanhado de um fio-guia, um Ariadne-favelado que lhe mostre o caminho que leva ao alto, evitando sobretudo, os esconderijos dos Minotauro-trafficantes. Subir ou descer o morro reveste-se de uma experiência espacial única, onde o ritmo de caminhar é diferente, imposto pelo próprio percurso, o que chamam de ginga. Através da sua ginga o homem de dreads se tornou meu fio-guia e me avisou dos riscos sem necessariamente dizer, nos conectamos pela nossa ginga e dividimos um momento resistência (Figura 17).

Decidimos então voltar e continuar por outro caminho, nos permitindo perdernos pelo labirinto piramidal fomos surpreendidos por belas paisagens a cada curva, até que tivemos a melhor surpresa, encontramos novamente um veio de água desta vez mais limpa! (Figura 20). Refleti que mesmo sendo violentado com a poluição, a nascente continua brotando água cristalina diariamente. No “asfalto” o rio invisibilizado não passa de esgoto, mas no morro ele ainda está vivo! Continuamos a árdua caminhada por uma via íngreme até que encontramos muro colorido da praça, com corrimão e bancos de madeira, este foi um alento onde descansei por instantes (Figura 19).

Como contei em Campos (2020) o reservatório R-0 era uma marca do poder hegemônico que suscita memórias higienistas, a construção da praça envolveu diversas táticas de resistência da comunidade, como a autogestão, reapropriação, realização de Contra-usos (LEITE, 2002) que possibilitam a construção de um legítimo espaço público politizado que evidencia a identidade afrodiaspórica da comunidade. Em entrevista com Padre Vilson Groh (um ator importante na comunidade) ele afirma que a obra buscava:



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

romper com o processo de invisibilidade e trazer a beleza, de uma pele, de uma cor, de uma etnia, de um povo, numa perspectiva de repensar a cidade. Nós também queremos com a praça romper com um processo de consumismo, pois uma coisa é ir num shopping que é um lugar para a exposição do fetiche da mercadoria, e representa o encontro da ideologia do mercado como diria o velho Marx. Enquanto a praça pública é o espaço do coletivo, do meio ambiente, da realidade, da concretude dos rostos visíveis. É um lugar para contracenar o cimento verticalizado armado com os labirintos. Os labirintos têm cheiro, tem cor, tem mistério. Enquanto o cimento armado verticalizado é inodoro.

A caixa d'água é muito paradoxal, quando se olhava de baixo e o pensamento deles se ligava a imagem com o tráfico, com violência, e agora a caixa está ligado a um espaço de cultura, então como esses olhares podem ser desconstruídos, reconstruídos e ressignificados. ⁽⁵⁾

Figura 16: Outro homem de saia e a demonstração de gesto afetivo.
Fonte: Autor



Figura 17: Morador com camiseta do Bob Marley e a muita resistência ao se deslocar de casa para a rua todos os dias.
Fonte: Autor



⁵ GROH, V. Vilson Groh: depoimento [março. 2020]. Entrevistador: Rafael Alves de Campos. Florianópolis: SC, 2020. Arquivo digital sonoro. Entrevista concedida ao autor.

Figura 18: Caminho do Rio
 dentro as casas do morro.
 Fonte: Autor.



Figura 19: As cores vibrantes do muro embelezam a paisagem,
 enquanto os corrimãos e bancos instalados auxiliam na difícil tarefa
 de vencer a acentuada inclinação da via.
 Fonte: Autor.



De fato, ao chegar na praça fica evidente a valorização da negritude refletida em mais uma obra de Bruno Bardi, que representa “Seo Teco” um morador que ajudou a construir a comunidade do Monte Serrat. Ao me posicionar para Figura 20, fiquei de costas para o interior da praça e então um grupo de meninos notaram a minha saia e começaram a fazer piadas e gritar ofensas homofóbicas. Ao entrar na praça todos saíram correndo para longe.

Começamos então a explorar o lugar, a fonte de água que faz referência as matriarcas lavadeiras do morro (Figura 21), e logo em seguida outro grupo de crianças se aproximou, (Figura 22), dessa vez eram cinco meninas e um menino, o que me fez lembrar da minha própria infância quando preferia andar com as meninas ao invés do grupo de meninos, principalmente pelos constantes ataques que sofria deles. Elas estavam extremamente interessadas, nos interrogaram sobre de onde vínhamos, o que significava a placa, sobre nosso relacionamento e mais uma infinidade de indagações as quais respondemos com sinceridade e naturalidade.

Em um momento me questionaram: "por que você está de máscara?", respondi "porque estamos na pandemia do Corona Vírus, todo mundo deveria estar usando máscara inclusive vocês", e neste momento percebi suas expressões de estranhamento, como se elas tivessem sido lembradas sobre algo muito distante. Isso pode estar relacionado a condição familiar delas, pois segundo Ferreira et. Al. (FERREIRA, et. Al., 2021) 86% da

população teve de trabalhar presencialmente durante a pandemia, deixando as crianças em casa com alguém ou até mesmo sozinhas. Para aquelas crianças o uso da máscara e o medo da pandemia não parecia ser relevante. Talvez valha a reflexão de que para a população preta, pobre e do morro, o vírus mortal é só mais um dos inúmeros problemas que colocam a vida dessas pessoas em risco com a extrema pobreza, a fome e a violência urbana.

Figura 20: Entrada da praça com destaque para a representação de “Seo Teco” feita por Bruno Bardi:



Figura 21: A fonte de água que representa as mulheres lavadeiras que buscavam as fontes e rios para garantir o sustento. Fonte: Autor.



Aos poucos, outras crianças se aproximaram, inclusive um menino do primeiro grupo que havia corrido. Ao descobrir que realmente éramos um casal ele começou a fazer piadas gritando por outros amigos que se mantinham distantes, mas nós continuamos agindo com naturalidade e não demos atenção para a brincadeira homofóbica que logo cessou e ele se afastou novamente. A homofobia incrustada na sociedade se evidencia nas manifestações do menino, mas em contrapartida a maioria das crianças não demonstrou este comportamento, pelo contrário, estavam muito solícitas a aquelas trocas. Ao final o garoto que andava com quatro meninas pediu para usar a minha placa, foi como se ele quisesse estar o meu lugar, ao conversarmos senti uma conexão entre as nossas histórias e possivelmente entre nossas dissonâncias (Figura 23).



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
 Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
 e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 22: O grupo de crianças interessadas em tudo a. afeto.
 Fonte: Autor



Figura 23: As crianças vestindo a mensagem de nosso respeito.
 Fonte: Autor



REFLEXÕES

A cidade é um campo em disputa que reflete séculos de exclusão. Os espaços físicos e organizações se dão de maneira a manutenção e produção do capital e refletem a ideologia dominante, com destaque para o racismo estrutural que garante privilégios a branquitude enquanto segrega e desfavorece a negritude. A desigualdade é fundamental para a manutenção do poder e do capital pela minoria opressora, a despeito disso oprimidos tem no território e na sua própria existência a sua maior resistência.

Existe um apagamento da população negra das narrativas oficiais de construção e formação das cidades, a forma urbana da negritude está à margem do pensamento e prática urbanística no Brasil. Estes territórios se configuram pela presença das pessoas e de tradições afrodisapóricas, ancestralidades e afroinscrições. É fundamental para nós que queremos produzir cidades antirracistas entender a realidade e garantir o direito a memória como possíveis ferramentas para mudanças.

Na ilha de Santa Catarina as transformações no entorno do rio da bulha refletem as disputas de poder e rememoram a existência dos Tigres em Desterro. Visando encontrar um modo subjetivo de abordar a cidade, o rio e os tigres busquei a cartografia como



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

modo de pensar. Como nos diz Suely Rolnik (1989) a cartografia permite desmanchar certezas e criar mundos novos para expressar e dar língua a afetos contemporâneos. Através de diversas formas de expressão busco entender a cidade e os corpos, principalmente de diáspora africana. Utilizando o meu próprio corpo como ferramenta me lancei numa errância urbana, como uma prática artística, de pesquisa e de microrresistência, falo sobre afeto, sobre passado e presente, sobre dissonâncias e margens, sobre mim e sobre alteridade.

Ao longo do caminho percebemos que os corpos dissonantes foram em geral os mais afetados e que nos afetaram. Ao tentar representar os tigres e ressignificar o corpo negro na cidade acabei por atravessar aqueles que de alguma maneira ocupam hoje estes lugares marginalizados, os tigres contemporâneos. Junto da foz do rio, onde a água é turva, poluída e invisibilizada, encontramos também muitos negros marginalizados, violentados pelo sistema capitalista, eles foram afetados pela mensagem e nos emocionaram com suas palavras ou ações. Naquela região também me senti mais invisibilizado pela branquitude. Não por acaso, ali é o local da cidade planejado pela branquitude para o carro, onde as inúmeras pistas foram construídas para dar vazão as máquinas e não aos afetos, onde pessoas não se acumulam na rua, apenas os tigres resistiam a selva fria de concreto e asfalto, só eles caminhavam pelos canteiros e criam a sua territorialização efêmera.

A avenida Hercílio Luz é o território da luta constantes entre forças de dominação, um espaço público construído através de ações higienistas que ainda é pautado pelo mercado, os usuários são respeitados enquanto consumidores e a branquitude através da dominação das instituições continua expulsando as manifestações identitárias de negritude das ruas.

Já na praça junto a nascente do rio, encontramos um espaço público diverso ocupado densamente por crianças negras. Nos vimos nelas e elas em nós, lhes demonstramos à nossa maneira de existir e elas nos acolheram com tanto afeto que nos fizeram acreditar que as futuras gerações possam lidar com mais naturalidade com a diversidade sexual. Não por acaso, este local foi constituído através da organização popular da comunidade



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

e tem a coletividade como princípio fundamental. A praça leva a marca da comunidade negra que a conquistou, assim com os corpos que a ocupam refletem a seu modo de produção.

Ao me jogar ao inesperado carregando uma mensagem de afeto, fui inundado por afeto de volta. A experiência resultou nesta corpografia sobre o caminho dos tigres apresentada aqui e em formato de vídeo que pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=3XTPGfEwHzs>

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- CAMPOS, R. A. **No caminho dos tigres: retrato de um rio e sua relevância como espaço público para a população negra de Florianópolis-SC**. Conflitos e conquistas do passado e do presente. In: Jornadas Antropológicas do Programa de Pós-graduação em antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal de Santa Catarina, 2019, Florianópolis. Anais [...] Florianópolis: UFSC, 2019.
- CAMPOS, R. A. **A Constituição de espaços públicos pela negritude e branquitude em Florianópolis: os casos da Avenida Hercílio Luz e Praça Monte Serrat**. Cadernos de pósgraduação em arquitetura e urbanismo. V.20 N 2. São Paulo: ed. Revistas Mackenzie. Julho / dezembro 2020.
- CDL. **BARES E RESTAURANTES DA VICTOR MEIRELLES REDUZEM HORÁRIO DE ATENDIMENTO PARA MEIA-NOITE**. Site: <https://www.cdlflorianopolis.org.br/noticia/bares-e-restaurantes-da-victor-meirelles-reduzemhorario-de-atendimento-para-meia-noite-5117#.XX1luyhKjIU>. Acesso em 14/09/2019.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **Espaço público, urbanismo e bairros negros**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020
- FACINA, Adriana. **“NÃO ME BATE DOUTOR”: FUNK E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA**. Adriana Facina. V Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 2009. Faculdade de Comunicação / UFBA, Salvador – Bahia – Brasil.
- FERREIRA, D. T.; SIEMEMSEN, P.; GORZIZA, A.; BUONO, R.; **Mais longe da saúde, mais perto do vírus**. Matéria publicada em 19 de abril de 2021 na seção igualdades, revista Piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mais-longo-da-saude-mais-perto-do-virus/> acesso em 24/05/2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

GROH, V. Vilson Groh: **depoimento** [março. 2020]. Entrevistador: Rafael Alves de Campos. Florianópolis: SC, 2020. Arquivo digital sonoro. Entrevista concedida ao autor. SANTOS, Rodrigo Gonçalves. In(ter)venção urbana: quando o corpo é método e não obstáculo. In: RAPOSO, Paulo; RENCK, Allende; HEAD, Scott. (Org.) **Cidades Rebeldes: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 109-212

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019**. Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Gráfica Digital, 2020. ISBN 978-65-87201-09-2. Disponível em 18/05/2021 no link: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA. 2012

JACQUES, Paola Berenstein. **A estética da Ginga: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2011.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEBVRE, H. **O direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro. 2001.

LEITE, R. P. **Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.17, n. 49, p.115-134, 2002.

MAIA, C. G. A. **A revolução vem do pastinho: escrituras antropológicas sobre vozes negras em Florianópolis- SC**. 2019. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) - Faculdade de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MONTANER, J.M.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NASCIMENTO, E. C. M.; SANTOS, R. G. Urbgrafias : (Com) posições e o jogo do caber , Andarilhos Urbanos e o jogo do caminhar . Reflexão sobre trabalhos em processo. **Cardenos PROARQ**, [s. l.], v. 36, n. Junho, 2021. Available at: <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n35>

ND MAIS. Vídeo: **Confusão entre PM e público marca noite de sexta-feira no Centro de Florianópolis**. Site: <https://ndmais.com.br/noticias/video-confusao-entre-pm-e-publico-marcanoite-de-sexta-feira-no-centro-de-florianopolis/> acesso em 04/09/2019.

ND+. **Ocupação da Hercílio Luz coloca moradores e frequentadores de bares em lados opostos**. Disponível em <https://ndmais.com.br/noticias/ocupacao-da-hercilio-luz-colocamoradores-e-frequentadores-de-bares-em-lados-opostos/>. Acessado em 15/09/2019.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade. 1989.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

SANTOS, A. L. **Do Mar ao Morro**: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009

SUGAI, M. I. **Segregação silenciosa**: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conturbada de Florianópolis (1970 /2000). Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincon Institute, 2001.